Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Moforlógicos - [Médio]

01 - (FESO RJ)

Texto

País imenso, o Brasil bem que podia ter se fragmentado em diversos Estados [...]. No entanto, permaneceu unitário, provavelmente em conseqüência da escravidão, base da organização brasileira. Apesar de toda a diversidade social e cultural de suas regiões, a identidade nacional foi sendo moldada e alguns mitos foram sendo construídos como símbolos dessa unidade. Um desses mitos, que completou 80 anos no mês passado, foi a Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922. Desde cedo, na escola, aprendemos que a literatura brasileira do século XX é um vasto campo composto de modernismo, modernismo e modernismo, tudo antecedido de pré-modernismo e vagamente seguido de pós-modernismo. Não é bacana, singelo e econômico?

É um pavor, do ponto de vista crítico. Fica parecendo que tudo o que vale na produção da literatura brasileira ou canta pela pauta modernista, ou pode tirar suas esperanças do sol – porque não entrará na escola, no vestibular, na compra de livros para a biblioteca. Traduzindo em miúdos: levando a sério a absoluta dominância modernista, só tem valor a literatura arrojada, de vanguarda, experimental em forma e em tema, que revire ou pareça revirar a identidade nacional eternamente pelo avesso e contradite tudo o que for ou parecer conservador. Se um autor escrever romance de feição tradicional, se compuser teatro não-agressivo, se sua poesia dialogar com a tradição clássica, se seu conto não fizer careta para a platéia, esquece.

Escritores que não rezam pela cartilha modernista e, ainda por cima, freqüentam tema local, fora de São Paulo e do Rio de Janeiro, padecem do estranho problema de escreverem e serem lidos, mas não recebem validação por parte de críticos e professores. De onde nasceu isso?

[...]

Um país deste tamanho tem uma riqueza imensa justamente em sua variedade musical, lingüística e literária também. Por isso é que precisamos passar em revista a supercentralidade do Modernismo paulista na descrição de nossa história cultural e, particularmente, na validação crítica da literatura – a favor de todas as vozes disponíveis, que não são ouvidas apenas porque nosso ouvido não aprendeu. Mas bem que pode.

(**Augusto L. Fischer**. Revista *Superinteressante*, março/2002)

Há evidente equívoco quanto ao valor significativo atribuído ao sufixo do vocábulo em:

a) supercentralidade (posição)

b) modernismo (doutrina)

c) validação (ato ou efeito de ato)

d) vagamente (modo)

e) modernista (adepto)

02 - (FAAP SP)

AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...

Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas

De pombas vão-se dos pombais, apenas

Raia sangüínea e fresca a madrugada

E à tarde, quando a rígida nortada

Sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas

Ruflando as asas, sacudindo as penas,

Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,

Os sonhos, um por um, céleres voam

Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,

Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam

E eles aos corações não voltam mais...

(Raimundo Correia)

Pobre é a rima que se processa entre palavras da mesma classe gramatical, tal qual esta:

a) despertada / madrugada

b) dezenas / apenas

c) nortada / revoada

d) serenas / penas

e) pombais / mais

03 - (UNIMONTES MG)

O fragmento a seguir refere-se ao personagem Joaquim dos Anjos, do livro Clara dos Anjos, de Lima Barreto.

O seu saber musical era fraco; adivinhava mais do que empregava noções teóricas que tivesse estudado. Aprendeu a "artinha" musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. Embora gozando desta fama animadora, nunca quis ampliar os seus conhecimentos musicais. Ficara na "artinha" de Francisco Manuel, que sabia de cor; mas não saíra dela, para ir além. (BARRETO, Lima. Clara dos Anjos, ano, p. 60.)

Após a leitura, assinale a alternativa INCORRETA.

a) O uso do diminutivo “artinha” expressa entonação preconceituosa do narrador em relação ao instrumento da flauta e das músicas executadas pelo personagem.

b) O uso do diminutivo “artinha” revela o caráter popular da música praticada pelo personagem, sem intenção de degradá-la.

c) O uso do diminutivo “artinha”, grafado entre aspas, explicita a consciência linguística do narrador, que opta pelo registro popular para dar mais autenticidade a seu relato.

d) O uso do diminutivo “artinha” revela concomitantemente entonações irônicas e afetivas na expressão narrativa de Lima Barreto.

04 - (ENEM)

DIGA NÃO AO NÃO

Quem disse que alguma coisa é impossível?

Olhe ao redor. O mundo está cheio de coisas que, segundo os pessimistas, nunca teriam acontecido.

“Impossível.”

“Impraticável.”

“Não”.

E ainda assim, sim

Sim, Santos Dumont foi o primeiro homem a decolar a bordo de um avião, impulsionado por um motor aeronáutico.

Sim, Visconde de Mauá, um dos maiores empreendedores do Brasil, inaugurou a primeira rodovia pavimentada do país.

Sim, a SXY Brasil também inovou no país.

Abasteceu o primeiro voo comercial brasileiro.

Foi a primeira empresa privada a produzir petróleo na Bacia de Campos.

Desenvolveu um óleo combustível mais limpo, o OC Plus.

O que é necessário para transformar o não em sim?

Curiosidade. Mente aberta. Vontade de arriscar.

E quando o problema parece insolúvel, quando o desafio é muito duro, dizer: vamos lá.

Soluções de energia para um mundo real.

Jornal da ABI, Órgão Oficial da Associação Brasileira de Imprensa, n.º 336, dezembro de 2008, p. 4. (adaptado).

O autor do texto utiliza, como recurso evidente para a progressão temática,

a) as relações de tempo estabelecidas entre as informações apresentadas.

b) a apresentação de diversos efeitos dos fatos elencados.

c) a repetição do advérbio de afirmação “sim” articulando as informações.

d) as relações de causa estabelecidas entre as informações apresentadas.

e) o estabelecimento de relações de condição entre as informações do texto.

05 - (ENEM)

Não há crenças que **Nelson Leirner** não destrua. Do dinheiro à religião, do esporte à fé na arte, nada resiste ao deboche desse **iconoclasta**. O principal mérito da retrospectiva aberta em setembro na Galeria do SESI-SP é justamente demonstrar que as provocações arquitetadas durante as últimas cinco décadas **pelo artista** quase octogenário continuam vigorosas.

Bravo, n. 170, out. 2011 (adaptado).

Um dos elementos importantes na constituição do texto é o desenvolvimento do tema por meio, por exemplo, do encadeamento de palavras em seu interior. A clareza do tema garante ao autor que seus objetivos — narrar, descrever, informar, argumentar, opinar — sejam atingidos. No parágrafo do artigo informativo, os termos em negrito

a) evitam a repetição de termos por meio do emprego de sinônimos.

b) fazem referências a outros artistas que trabalham com Nelson Leirner.

c) estabelecem relação entre traços da personalidade do artista e suas obras.

d) garantem a progressão temática do texto pelo uso de formas nominais diferentes.

e) introduzem elementos novos, que marcam mudança na direção argumentativa do texto.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 6

TEXTO II

A doença

(Manoel de Barros)

Nunca morei longe do meu país.

Entretanto padeço de lonjuras.

Desde criança minha mãe portava essa doença.

Ela que me transmitiu.

Depois meu pai foi trabalhar num lugar que dava

essa doença nas pessoas.

Era um lugar sem nome nem vizinhos.

Diziam que ali era a unha do dedão do pé do fim

do mundo.

A gente crescia sem ter outra casa ao lado.

No lugar só constavam pássaros, árvores, o rio e

os seus peixes.

Havia cavalos sem freios dentro dos matos cheios

de borboletas nas costas.

O resto era só distância.

A distância seria uma coisa vazia que a gente

portava no olho

E que meu pai chamava exílio.

06 - (ESCS DF)

O campo semântico relacionado à doença é construído pelo emprego dos seguintes vocábulos:

a) pessoas, doença, transmitiu, portavam;

b) padeço, borboletas, exílio, transmitiu;

c) pessoas, pé, costas, olho;

d) padeço, doença, transmitiu, portavam;

e) padeço, doença, transmitiu, constavam.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 7

Ninguém aí do poder em Brasília manja de marxismo e semiologia. Fala-se na necessidade de eliminar a herança feagaceana (que, aliás, não é maldita, é sinistra), mas não da ruptura lingüística com essa herança, ou seja, o PT reproduz a mesma linguagem feia e inestética do PSDB.

"Custo Brasil" é de matar!

A "flexibilização laboral" designa desemprego. Carteira de trabalho é luxo. Se a polícia der uma *blitz* e pedir carteira de trabalho, 40 por cento da população vai em cana.

A linguagem revela a ideologia e governa os homens.

Prova é que nunca até hoje existiu político mudo. Ao contrário, político é falastrão, fala qualquer coisa, fala pelos cotovelos. Não é senão por isso que o enigmático ministro José Dirceu prestigia no

Paraná o comediante Ratinho, cujo gogó midiático agrada aos ouvidos da plebe boçalizada que não freqüentou os Cieps.

VASCONCELLOS, Gilberto F. O Richelieu do Ratinho e a herança lingüística tucana. *Caros Amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 61, jul. 2003, p. 17.

07 - (UFG GO)

Considerando a variedade lingüística do texto, tem-se que

a) o uso do verbo *manjar*, em "manja de marxismo e semiologia", denota apropriação de termo exclusivo de grupo social estigmatizado.

b) a expressão "herança feagaceana" é um empréstimo lingüístico que significa o conjunto da política social empreendida pelo ex-presidente FHC.

c) a expressão *em cana*, em "40 por cento da população vai em cana", é uma variedade regional, empregada com sentido pejorativo.

d) a expressão "gogó midiático" é um exemplo de que o autor, no seu raciocínio, combina registro coloquial com registro formal.

e) a palavra "blitz" é um neologismo, consolidado no português, que integra o léxico ativo de segmentos sociais marginalizados.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 8

Todos os Nomes

[1] Passar os olhos pela relação dos jogadores inscritos por nossos clubes profissionais para a atual [2] temporada profissional pode ser uma experiência reveladora.

[3] O que primeiro salta à vista é a quantidade de nomes estrangeiros – em geral de origem [4] inglesa, ainda que existam alguns Jeans, Michels e Pierres de sabor francês e um ou outro Juan de sonoridade castelhana.

[5] O grosso mesmo é de nomes anglo-saxões.

[6] Só de Wellingtons eu contei seis. Se bobear, tem mais Wellington que José no nosso futebol.

[7] Nem vamos perder tempo falando da profusão de Williams, de Christians, de Rogers e de Andersons.

[8] Até aqui, parece que eu, um mero Zé, estou me queixando dessa invasão onomástica [8] estrangeira e engrossando o coro dos que, como o deputado Aldo Rebelo, querem defender a [10] "pureza" da língua pátria a golpes de multas e proibições.

[11] Longe de mim tal insensatez.

[12] Uma língua se enriquece no contato e na troca com todas as outras.

[13] Os nomes predominantes em uma geração refletem o imaginário de sua época, não o [14] determinam.

[15] Mais significativo do que a assimilação pura e simples dos nomes estrangeiros – é o processo de [16] canibalização que eles sofrem aqui.

[17] Abaixo do Equador, Alain vira Allan, Michael vira Maicon (ou Maycon), David vira Deivid e [18] Hollywood vira Oliúde.

[19] Isso sem falar nas criações genuinamente brasileiras, como o espantoso Maicosuel (jogador do [20] Cruzeiro). É a contribuição milionária de todos os erros, como queria.....

José G. Couto. *Folha de S. Paulo*, 02/02/2008. Adaptado.

08 - (FGV)

Considere as seguintes afirmações relativas a diferentes fragmentos do texto:

I. Em "o grosso mesmo" (ref. 5) e "engrossando o coro" (ref. 9) ocorre idéia de quantidade.

II. O verbo "bobear" (ref. 6) pertence a uma variedade lingüística diferente daquela que predomina no texto.

III. Com o uso da expressão "até aqui" (ref. 8), o autor faz referência ao ato enunciativo.

IV. A expressão "um mero Zé" (ref. 8) pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por "um falso Zé".

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I e II.

b) II e III.

c) III e IV.

d) I, II e III.

e) II, III e IV.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 9

Observe o fragmento abaixo de um conto de Clarice Lispector:

"Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia.

Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado...

O jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno."

(LISPECTOR, C. Amor. *Laços de família*.

Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P. 25)

09 - (UFAC)

Quando o narrador descreve as percepções da personagem e seqüencia três sentenças conclusivas de um estado de espírito (A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos), o verbo "ser" funciona como:

a) uma valorização da morte dentro dos padrões habituais.

b) um modo de percepção privilegiada do circuito natural dos fenômenos.

c) um modo de conclusão falida e frustrante em relação ao sentido da vida.

d) uma natural condição de não se aceitar o fim das coisas.

e) uma impressão equivocada quanto ao sentido prático dos fenômenos.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 10

A graça do idioma

[1]Digam o que disserem, o humor é quase sempre uma [2]porta entreaberta, cheia de possibilidades. Humor, o conceito, [3]já fundiu a cabeça de muita gente séria. Pirandello gastou quilos [4]de papel rascunhando o seu *O Humorismo* e admitiu não [5]entender do assunto. Humberto Eco transformou a seriedade [6]na real criminosa de *O Nome da Rosa*. Até Freud navegou pelas [7]sinuosas curvas do chiste. Mas ninguém parece acertar em [8]cheio num alvo gelatinoso, que, nem bem cercado, parece 9escorrer pelos dedos.

[10]Afinal, humor é rótulo volúvel, aplicável tanto a [11]comédias, farsas e ironias como a palhaçadas no bar ou ditos [12]picarescos. Serve a sátiras, mímicas, grunhidos, disfarces ou [13]grosserias, os bons jogos de palavras, a má associação de ideias, [14]a mais deslavada denúncia do ridículo no sagrado.

[15]Para alguns, o molejo do corpo pesa mais que a [16]elaboração do chiste. Um comediante popular, como Tom [17]Cavalcante, costuma dizer que a diferença está no uso da voz, [18]não na idade

da piada. Rir, antes da hora, engasga, garante [19]Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. Porque o cômico [20]depende de senso prático de tempo, nem mais adiante, nem um [21]toco a menos.

[...]

Luiz Costa Pereira Junior. In: Revista Língua Portuguesa.
São Paulo: Segmento. Ano I, nº 12, 2006, p. 4.

10 - (UEPB)

Em "**Digam** o que disserem [...]", é correto afirmar em relação ao termo em destaque que há:

a) Significação intransitiva que inviabiliza ao interlocutor a construção de hipótese sobre a pessoa do discurso.

b) Referência a algum termo cujo sujeito pode ser identificado na situação discursiva do enunciado.

c) Intencionalidade discursiva do locutor para produzir um efeito indeterminado com respeito ao sujeito da situação comunicativa.

d) Explicitude do agente do discurso identificável no contexto do enunciado por meio da flexão verbal.

e) Ocorrência de um fenômeno sintático-semântico que cria condições para identificação do referente do discurso.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 11

Leia o texto a seguir, extraído do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*.

Já Nhô Augusto, incansável, sem querer esperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato enorme, de musculatura embatumada, de bicipitalidade maciça. E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha como agulha de coser:

– Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!...

E o Juruminho, gostando.

– Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui...

E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão.

Nhô Augusto se levantara, excitado:

– Opa! Oi-ai!... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p'ra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na frente, e não dizer até-logo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!...

Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:

– Mais galinha, um pedaço, amigo?

– 'Tou feito.

– E você, seu barra?

– Agradecido... 'Tou encalcado... 'Tou cheio até à tampa!

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto.

E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das *papo-amarelo*, para ver:

– Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...

– Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...

– Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...

Fez fogo.

– Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!

(ROSA, J. G. *Sagarana.* 71.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.394-395.)

11 - (UEL PR)

O trecho "– Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!..." pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por

a) "– Você, parceiro, sem grande alarde, bem de mansinho, consegue tudo o que quer!...".

b) "– Amigo, creio que você é muito mais eficiente com o garfo do que com a faca!...".

c) "– Amigo, pelo visto, você é um caboclo muito bom de garfo!...".

d) "– Companheiro, a julgar pelo que vejo, você deve ser muito ligeiro no ataque!...".

e) "– Companheiro, está-se vendo que você transforma tudo num verdadeiro cavalo de batalha!...".

TEXTO: 7 - Comum à questão: 12

Os donos da comunicação

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão *por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no* society *que morre se o nome não aparecer nas colunas.*

Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem?

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfrim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

(Millôr Fernandes. *Que país é este?*, 1978.)

12 - (UNESP SP)

No último período do texto, a discrepância dos possessivos *teu* e *tua* (segunda pessoa do singular) com relação ao pronome de tratamento *você* (terceira pessoa do singular) justifica-se como

a) possibilidade permitida pelo novo sistema ortográfico da língua portuguesa.

b) um modo de escrever característico da linguagem jornalística.

c) emprego perfeitamente correto, segundo a gramática normativa.

d) aproveitamento estilístico de um uso do discurso coloquial.

e) intenção de agredir com mau discurso os donos da comunicação.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 13

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

1° As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês,

o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

2° Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

3° O símbolo "0" e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. "O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo", diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

4° A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. "Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é *shúnya*", afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, *shúnya* significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, *shúnya* refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo *shúnya* – que, em árabe, se tornou *shifr* e foi latinizado para *zephirum*, depois *zéfiro*, *zefro* e, por fim, zero.

5º Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. "Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero", diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

6° E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e

lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

7° "Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande", diz o historiador da matemática Ubiratan D'Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. "Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais", diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

8° Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de "sistema de numeração posicional". Apesar do nome comprido, a ideia é simples. "Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam", explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

9° O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. "Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta", diz Ubiratan.

10° Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. "Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero", diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. "Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato", afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava "aquilo que ficou para trás", como os pingos de chuva depois de uma tempestade.

Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

11° Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

12° Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial,desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipode cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

13° Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

14° Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

15° Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo (1 – 1 = 0). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não

deixa de ser zero (0 x 4 = 0). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas (0 ÷ 3 = 0), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? "Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença", diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão "zero à esquerda", que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

16° Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. "Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo", diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. "Eles são equivalentes e opostos, yin e yang", escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. "Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele", afirma Seife. "A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus." E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>. Acesso em 14 mar. 2012. (ADAPTADO)

Texto II

CERTAS COISAS (Lulu Santos)

(1) Não existiria som

(2) Se não houvesse o silêncio

(3) Não haveria luz

(4) Se não fosse a escuridão

(5) A vida é mesmo assim,

(6) Dia e noite, não e sim...

(7) Cada voz que canta o amor não diz

(8) Tudo o que quer dizer,

(9) Tudo o que cala fala

(10) Mais alto ao coração.

(11) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(12) Eu te amo calado,

(13) Como quem ouve uma sinfonia

(14) De silêncios e de luz.

(15) Nós somos medo e desejo,

(16) Somos feitos de silêncio e som,

(17) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

(18) A vida é mesmo assim,

(19) Dia e noite, não e sim...

(20) Cada voz que canta o amor não diz

(21) Tudo o que quer dizer,

(22) Tudo o que cala fala

(23) Mais alto ao coração.

(24) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(25) Eu te amo calado,

(26) Como quem ouve uma sinfonia

(27) De silêncios e de luz,

(28) Nós somos medo e desejo,

(29) Somos feitos de silêncio e som,

(30) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

Disponível em <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/35063/> Acesso em 15 mar. 2012.

13 - (IME RJ)

Assinale a alternativa em que o elemento destacado (texto I) pertence a uma classe gramatical **diferente** em relação aos demais:

a) "atribuir tal importância **a** um número". (2º parágrafo)

b) "Aplica-se **a** uma pessoa solitária" (4º parágrafo)

c) "O termo descreve um sentimento de ausência, **a** falta de algo..." (4 º parágrafo)

d) "**A** partir deles, outros grupos, como os astecas..." (4º parágrafo)

e) "... atribuir **a** cada número um sinal diferente" (8º parágrafo)

TEXTO: 9 - Comum à questão: 14

[1] O que devemos fazer quando a promessa de [2] progresso monetário ou de eficiência econômica significa [3] estabelecer um preço para os bens considerados sem[4] preço? Enfrentamos continuamente o dilema de nos [5] movimentar em mercados moralmente questionáveis na [6] expectativa de alcançar fins meritórios.

[7] No livro *O que o dinheiro não compra — os limites* [8] *morais do mercado*, Michael J. Sandel apresenta uma [9] claríssima descrição do processo de mercantilização [10] da vida do homem contemporâneo e nos mostra um [11] sombrio quadro do totalitarismo econômico do sistema [12] capitalista, capaz de subverter as disposições éticas [13] mais basilares da conduta humana em nome do [14] encilhamento financeiro. Nesse contexto, tudo se torna [15] plenamente comercializável, seja a aquisição do diploma [16] universitário, o atendimento prioritário nas filas de [17] embarque dos aeroportos, a possibilidade de participação [18] nas seções parlamentares, assim como a venda de [19] autógrafos dos ídolos esportivos ou mesmo a venda de [20] órgãos do corpo humano, dentre inúmeras outras [21] circunstâncias bizarras.

[22] A vida humana se torna, na sociedade [23] contemporânea, o grande motor do capital. Se antes o [24] dinheiro era o suporte econômico para a manutenção [25] material da vida humana, agora essa passa a se [26] submeter cegamente aos ditames financeiros. Diz-se [27] popularmente que "dinheiro não tem cheiro": o dinheiro [28] é desprovido de conteúdo moral, uma vez que é apenas [29] um instrumento que serve de intermédio para as [30] transações comerciais humanas. Nessa perspectiva, o [31] que importa é o negócio e não a origem do dinheiro; [32] todavia as ações capitaneadas pela acumulação cada [33] vez mais sôfrega de lucros são plenamente regidas pela [34] órbita da moralidade, circunstância que justifica a [35] aplicação de paradigmas axiológicos na análise filosófica [36] da relação humana com o dinheiro. Quanto mais o [37] mercado aumenta a sua infiltração nas esferas não [38] econômicas da vida humana, mais ele se envolve em [39] questões tipicamente morais. A era do triunfalismo do [40] mercado coincidiu com um período no qual o discurso [41] público se diluiu radicalmente de qualquer substância [42] moral e espiritual. Talvez nossa única esperança de [43] manter a estrutura do mercado em seu devido lugar seja [44] discutirmos o genuíno significado dos bens e das [45] práticas sociais que valorizamos na vida social.

[46] O dinheiro tornou-se uma horrenda hipóstase [47] humana, cultuada como o suprassumo da existência [48] de cada pessoa. Os signos que regem a dinâmica da [49] máxima exploração comercial de bens e valores são [50] signos teológicos secularizados, pois o dinheiro se [51] tornou o deus do regime capitalista. Nunca se fez valer [52] de maneira tão infame o lema-mor do espírito capitalista [53] "tempo é dinheiro". [...]

DAINEZI, Gustavo. O preço do dinheiro. Filosofia: ciência & vida.
São Paulo: Escola, ano VII, n. 74, p. 78, set. 2012.

14 - (UEFS BA)

No período "Se antes o dinheiro era o suporte econômico para a manutenção material da vida humana, agora essa passa a se submeter cegamente aos ditames financeiros" (*l*. 23-26),

a) a construção do período está pautada numa relação de condicionalidade entre os termos oracionais.

b) os termos "Se" e "se" possuem diversidade de valor gramatical.

c) os vocábulos "antes" e "agora", como termos adverbiais, denotam um mesmo tempo histórico.

d) as expressões "suporte econômico" e "ditames financeiros" apresentam o mesmo conteúdo semântico sob formas estruturais diferentes.

e) a utilização do pronome "essa" remete a algo não diretamente referido no texto.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 15

Querendo que dê certo

[1] Querer que dê certo a gente sempre quer: a nova [2] turma na escola, o novo amigo, o vestibular, o primeiro [3] emprego, o casamento, o filho, a decisão inescapável, [4] o necessário e o fútil, a segurança e a aventura. Os [5] planos do novo ano. Os desejos bons e também os [6] menos nobres, de que alguém se ferre, que para ele dê [7] errado — porque não somos santos. A construção da [8] vida, tanta coisa. As pessoas queridas. O livro, o carro, [9] o amor ou até a separação. A sobrevivência depois da [10] morte de alguém especial. Que dê certo também o que [11] nem é pessoal, mas a todos atinge: o país, a [12] democracia, a qualidade de vida, a dignidade de todos, [13] a redução da desigualdade, o nível do ensino, da saúde, [14] os cuidados com a seca, com a enchente, com os [15] deslizamentos, com os horrores da saúde pública, com [16] o excesso de faculdades pelo país, a insensatez das [17] cotas que promovem a discriminação e o preconceito, [18] e marcam como incompetentes os que se beneficiam [19] delas. Que, às vezes, nem têm outro jeito, pois [20] nivelamos por baixo: facilitamos as coisas em lugar de [21] dar aos que precisam melhores condições, condições [22] ótimas: isso seria o sensato. Mas somos insensatos; [23] então, torcemos para que, apesar de tudo, dê certo.

[24] Agora nos oferecem mais planos, projetos, pacotes, [25] para que, finalmente, o país deslanche do seu marasmo, [26] que pacotes anteriores não sacudiram direito. Eu quero [27] muito que deem certo esses novos projetos. Estradas [28] e ferrovias, para começar, pois o nosso transporte é [29] mais um inqualificável fator do nosso inqualificável [30] atraso. Portos e aeroportos. Espero que se incluam [31] também saúde, ensino, segurança, que andamos cada [32] vez mais violentos e todas as notícias negativas, que [33] são muitas, saem mundo afora preparando os espíritos [34] para 2016. Que sejam projetos inteligentes e possíveis; [35] que tenham à frente gente supercompetente, embora [36] competência seja mercadoria rara por aqui. Há gente [37] demais improvisando; viramos o país do improviso, do [38] puxadinho, do jeitinho, do palpite? Os muito competentes [39] podem nem querer certos cargos e encargos. Sobretudo [40] se ligados à política: aí tudo se complica, os jogos de [41] poder, os postos dados por interesse, não por preparo e [42] capacidade, tanta trama que nem conhecemos direito, [43] mas de que sabemos o suficiente para ficar de cabelos [44] em pé. O melhor seria não saber, assim a gente se [45] salvaria? Seja como for, eu, mesmo assim, me interesso [46] extraordinariamente por este país.

[47] Resta saber o que é “dar certo”. Um plano com [48] bons projetos é um comecinho. Predominarem boas [49] intenções será dar um pouquinho certo (tudo em [50] diminutivos por enquanto). Ficar em mãos experientes [51] e competentes, sem amadorismo, será dar bastante [52] certo. Passar da utopia

para entrar na realidade, com [53] seriedade, seria ou será dar supercerto. Se tudo sair [54] medianinho, já vai ser um avanço. Chegar a termo será [55] quase um milagre: a gente não vê muito disso por aqui. [56] Não acredito cegamente, pelo que temos experimentado [57] de grandes palavras, grandes planos — e grande [58] esquecimento. Mas eu quero, eu torço, eu apoio, eu [59] espero, eu observo… e, quando puder, eu comento. Que [60] eu possa comentar só coisas boas, coisas positivas e [61] concretas, e dizer: "Finalmente está dando certo, viva a [62] gente brasileira".

LUFT, Lya. Querendo que dê certo. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2284, ano 45, n. 35, p. 24, 29 ago. 2012. Adaptado.

15 - (Unifacs BA)

A análise dos recursos linguísticos presentes no texto autoriza afirmar que está **sem fundamentação nas normas gramaticais** o que se declara na alternativa

01. Os dois-pontos que aparecem depois da forma verbal "atinge" (*Ref*. 11) introduzem um aposto.
02. As expressões "de vida" (*Ref*. 12) e "de faculdades" (*Ref* . 16), apesar de se apresentarem com a mesma estrutura, exercem diferentes funções sintáticas no período em que se incluem.
03. A partícula "se" (*Ref*. 40), nas duas ocorrências, possuem o mesmo valor morfossintático.
04. O termo "de cabelos em pé" (*Refs*. 43-44) está usado em sentido figurado e exerce função predicativa.
05. A forma verbal "Predominarem" (*Ref*. 48) está no plural para concordar com o sujeito da oração, que também está no plural.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 16

[1] No século XX, o progresso da Medicina [2] acompanhou de perto o desenvolvimento das demais [3] ciências. Podemos afirmar, sem medo de errar, que a [4] Medicina evoluiu mais no século XX do que em toda a [5] história da humanidade. Além do progresso científico, [6] houve, igualmente, uma evolução de conceitos a respeito [7] de saúde e doença; saúde já não é apenas ausência de [8] doença,

mas um estado de completo bem-estar físico, [9] mental e social, conforme definição da Organização [10] Mundial de Saúde.

[11] É também do século XX a compreensão de que a [12] saúde depende de múltiplos fatores, cabendo à Medicina [13] parcela importante, porém muito menos decisiva do que [14] se acreditava. É ainda desse século o reconhecimento [15] de que a saúde é um dos direitos fundamentais do [16] homem, ficando o Estado com a responsabilidade de [17] zelar pela sua manutenção.

[18] Temos, portanto, dois enfoques a considerar: o dos [19] avanços científicos e suas consequências e o das [20] conquistas sociais, ou seja, do acesso aos bens e [21] serviços que asseguram a saúde.

[22] Do ponto de vista científico, podemos registrar, em [23] uma visão retrospectiva, descobertas notáveis que [24] modificaram os destinos da humanidade. Seria fastidioso [25] enumerar todas elas. Difícil também hierarquizá-las. Mas [26] a maior contribuição da Medicina à saúde nesse século [27] foi, sem dúvida, no campo da prevenção das doenças [28] por meio da imunização em massa e das ações [29] desenvolvidas sobre o meio ambiente.

[30] Em decorrência de todos os progressos [31] alcançados pela Medicina no século passado, sobretudo [32] em função das ações preventivas, surgiram algumas [33] consequências que devem ser devidamente avaliadas. [34] Uma delas foi a do aumento da duração da vida, que se [35] estendeu, em média, até próximo de seus limites [36] fisiológicos.

[37] Chegamos, assim, ao século XXI empolgados pelo [38] enorme progresso alcançado pela Medicina e, ao mesmo [39] tempo, aturdidos pelas consequências advindas desse [40] mesmo progresso e pelos novos desafios que se nos [41] apresentam.

RESENDE, Joffre M de. **A Medicina na passagem do milênio**. Disponível em :<http://usuarios.cultura.com.br/jmresende/Milenio.htm>. Acesso em: 21 out. 2012. Adaptado.

16 - (Unifacs BA)

Identifique com **V** as afirmativas verdadeiras sobre os elementos linguísticos que compõem o texto e com **F**, as falsas.

( ) A substituição de "já" por *mais*, mesmo diante da necessidade de se deslocar esse último termo para depois da forma verbal, em "saúde já não é apenas ausência de doença" (*Refs.* 7-8), não altera semanticamente o contexto.

( ) O termo "parcela importante", em "cabendo à Medicina parcela importante" (*Refs*. 12-13), é um dos complementos do verbo *caber*, que aparece flexionado no gerúndio.

( ) O pronome “se”, em “do que se acreditava.” (*Refs*. 13-14), exerce a mesma função do que aparece em que “que se nos apresentam.” (*Refs*. 40-41).

( ) O conector “portanto”, em “Temos, portanto, dois enfoques a considerar” (*Ref*. 18), estabelece com o que foi dito nos parágrafos anteriores o mesmo tipo de relação que “Mas”, no trecho “Mas a maior contribuição da Medicina à saúde nesse século foi, sem dúvida, no campo da prevenção das doenças” (*Ref*. 25-27).

( ) A locução “sem dúvida” (*Ref.* 27) tem valor adverbial e que expressa afirmação.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a

01. F V F V F
02. V F V F V
03. V V F F V
04. F F V V F
05. V V V V V

TEXTO: 12 - Comum à questão: 17

BRASI DE CIMA E BRASI DE BAXO (Fragmento)

Meu compadre Zé Fulô,

Meu amigo e companhêro,

Faz quage um ano que eu tou

Neste Rio de Janêro;

Eu saí do Cariri

Maginando que isto aqui

Era uma terra de sorte,

Mas fique sabendo tu

Que a miséra aqui no Su

É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.

Eu pude vê neste crima,

Que tem o Brasi de Baxo

E tem o Brasi de Cima.

Brasi de Baxo, coitado!

É um pobre abandonado;

O de Cima tem cartaz,

Um do ôtro é bem deferente:

Brasi de Cima é pra frente,

Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasil de Cima,

Não há dô nem indigença,

Reina o mais soave crima

De riqueza e de opulença;

Só se fala de progresso,

Riqueza e novo processo

De grandeza e produção.

Porém, no Brasi de Baxo

Sofre a feme e sofre o macho

A mais dura privação.

Brasi de cima festeja

Com orquestra e com banquete,

De uísque dréa e cerveja

Não tem quem conte os rodete.

Brasi de baxo, coitado!

Vê das casa despejado

Home, menino e muié

Sem achá onde morá

Proque não pode pagá

O dinhêro do alugué.

No Brasi de Cima anda

As trombeta em arto som

Ispaiando as propaganda

De tudo aquilo que é bom.

No Brasi de Baxo a fome

Matrata, fere e consome

Sem ninguém lhe defendê;

O desgraçado operaro

Ganha um pequeno salaro

Que não dá pra vivê.

Inquanto o Brasi de cima

Fala de transformação,

Industra, matéra-prima,

Descobertas e invenção,

No Brasi de Baxo isiste

O drama penoso e triste

Da negra necissidade;

É uma coisa sem jeito

E o povo não tem dereito

Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo

Nas ponta das pobre rua

O descontente cortejo

De criança quage nua.

Vai um grupo de garoto

Faminto, doente e roto

Mode caçá o que comê

Onde os carro põe o lixo,

Como se eles fosse bicho

Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,

Estes fio do abandono,

Que veve vagando à toa

Como objeto sem dono,

De manêra que horroriza,

Deitado pela marquiza,

Dromindo aqui e aculá

No mais penoso relaxo,

É deste Brasi de Baxo

A crasse dos Marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,

Pra onde é que você vai?

Nesta vida do mendigo

Que não tem mãe nem tem pai?

Não se afrija, nem se afobe,

O que com o tempo sobe,

O tempo mesmo derruba;

Tarvez ainda aconteça

Que o Brasi de Cima desça

E o Brasi de Baxo suba.

[...]

(ASSARÉ, Patativa do. **Melhores poemas.**
Seleção de Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2006. p.329-332)

17 - (IFPE)

Leia o trecho do poema transcrito abaixo e julgue as afirmações a respeito das relações estabelecidas entre os termos da oração.

“No Brasi de Cima anda / As trombeta em arto som [...] / Inquanto o Brasi de cima / Fala de transformação, / Industra, matéra-prima, / Descobertas e invenção, / No Brasi de Baxo isiste / O drama penoso e triste / Da negra necissidade;”

I. O substantivo “trombeta” (linha 1) exerce função de sujeito do verbo andar.

II. “transformação, Industra, matéra-prima” (linha 2) consiste em objeto indireto do verbo falar.

III. O trecho “Descobertas e invenção” (linha 2) exerce função de objeto direto do verbo falar.

IV. A conjunção “Inquanto” (linha 1) tem valor proporcional.

V. É correto afirmar que “No Brasi de Cima” (linha 1) exerce função adverbial.

Há informações corretas apenas nos itens:

a) II, IV e V

b) I, II e IV

c) I, III e IV

d) III, IV e V

e) I, II e V

GABARITO:

1) Gab: A

2) Gab: C

3) Gab: A

4) Gab: C

5) Gab: D

6) Gab: D

7) Gab: A

8) Gab: D

9) Gab: B

10) Gab: C

11) Gab: D

12) Gab: D

13) Gab: C

14) Gab: B

15) Gab: 03

16) Gab: 02

17) Gab: E